

(Original em 3 atos de Érico Cramer)

1º A T OCONTROLE - CARACTERÍSTICA

LOCUTOR - O Grande Teatro Farroupilha apresenta hoje o original em 3 atos de Érico Cramer...

CONTROLE - SOBE E DESCE A CARACTERÍSTICA

LOCUTOR - A HORA DO DIABO!...

CONTROLE - SOBE A CARACTERÍSTICA, FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO.

Salvador - (meia idade, narrando) Disse alguém que ha na vida de todas as mulheres uma hora do diabo. E acresce ~~se~~ si nessa hora a mulher ^{tiver} ~~se~~ diante ^{de} ~~de~~ si um homem digno e correto, ela esta ^{ai} salva das baixezas e misé-
rias ^{do} ~~do~~ mundo, mas... si ao contrário, nesse momento fatídico, ^{estiver} ~~estiver~~ à sua frente um homem perverso e inconsequente, nenhuma força poderá, salvá-la e ela estará irremediavelmente perdida!... Digo eu, agora: Também na vida dos homens ha uma ~~hora~~ do diabo e o futuro de suas vidas, depende, inteiro, da mulher que nesse instante estiver no seu caminho. (Tom) Não creem? Pois então ouçam a minha historia e hão de ver que a razão está comigo. Antes, no entanto, permitam que me apresente a vocês, pois que vocês não me conhecem ainda. Meu nome é Salvador. Doutor Salvador Amoêdo, advogado, viuvo, cinquenta e três anos de idade. Fui casado onze anos com uma creatura adoravel que me deixou uma filha encantadora a quem me dediquei inteiramente na solidão da minha viuvez. Maria Celeste chamava-se a morta querida. Maria Celeste chama-se tam-
bem minha filha. Ela, e o nome brilhante que me deu a profissão que abra-
cei, constituíam o orgulho e o prazer da minha vida. Vinte anos vivi dedicado à minha filha e ao meu trabalho. Minha conduta na vida pro-
fissional ou privada era de tal forma impecavel que me valera a fama de pai e cidadão exemplarissimo. Mas a verdade é que a vida se diver-
te, às vezes, em armar tremendas ciladas aos que desejam viver puros e sãos. E foi assim que um dia...

CONTROLE - CORRIDO DE HARPA.

Maria - (afastada) Estás muito ocupado, Paisinho?

Salvador - Não, minha querida. Acabei neste momento de estudar os autos de um

processo e ia justamente procurar-te.

C/REGRA - PASSOS DE MOÇA QUE SE APROXIMAM.

Maria - (aproximando-se) Pois então vamos ficar os dois aqui que eu preciso conversar contigo.

Salvador - Perfeitamente. Tú sabes muito bem o quanto isto me alegra.

Maria - Desta vez não sei se tu te alegrarás realmente com o assunto que vamos conversar, mas, de todo o modo, numa situação difícil da minha vida, eu não vejo outra pessoa a quem recorrer.

Salvador - E se o papai soubesse que a sua querida Maria Celeste valêra-se de outro braço para ampará-la, sentiria uma profunda mágoa. Não fui sempre o teu confessor... o teu amigo... o ~~meu~~ companheiro inseparável nas horas boas ou más da tua vida?

Maria - Sem dúvida. Se houve um instante em que lamentei não ter uma outra pessoa que me inspirasse a mesma confiança que tú para abrir o meu coração, foi simplesmente porque não desejava aborrecer-te ou preocupar-te.

Salvador - Ora vamos... Que é isso? Qualquer que seja a preocupação que me possas dar, ela nunca poderá ser comparada com a mágoa que me causarias se me preterisses por quem quer que fôsse. (Pausa e tom) Vamos, abre-me esse coraçãosinho querido.

Maria - Papai... o Jarbas me pediu em casamento e quer que eu lhe dê uma resposta até amanhã.

Salvador - O Jarbas, minha filha? Quem é o Jarbas?

Maria - Aquele paulista que eu te apresentei no Salão de Pintura.

Salvador - Ah, sim, sim..., eu sei... É um rapaz muito simpático. Veste-se bem... conversa bem... (Tom) Uma coisa, minha filha: tú... tú gostas dele?

Maria - Sim, papai. Muito. De mais, até. Como nunca pensei que pudesse gostar de outro homem, depois de ti.

Salvador - Isso é importante. Talvez a coisa mais importante do casamento... mas não é a única coisa, minha filha.

Maria - Bem sei, papai. Sei disso perfeitamente e esta é a razão porque venho pedir o seu auxílio.

Salvador - Já sei. Queres, naturalmente, que eu tome as informações que são necessárias.

Maria - Não, papai. Isso eu já o fiz por mim mesma.

Salvador - Bem... se já fizeste o que me competia, só posso pensar que desejes o meu consentimento.

Maria - Exatamente.

Salvador- Mas... e as informações que obtiveste, foram boas?

Maria - (depois de pequena pausa) Não, papai.

Salvador- Mas minha filha!... Eu então não compreendo. *A razão por que...*

Maria - Espera. Deixe eu te explicar. Ele é um ótimo rapaz, disseram todos que o conhecem. Muito trabalhador, muito honesto, ganha muito bem, tem um gênio excelente...

Salvador- E a família?

Maria - Diz que de gente muito importante e de tradição, até.

Salvador- Mas então o que ha para que tú me digas que as informações não são boas?

Maria - Ha, papai que ele... que êle é desquitado!

CONTROLE - RAJADA DRAMÁTICA, SECA E CURTA, SEM CORTAR A CENA.

Salvador- (choque violento) Des... desquitado?!... (Pausa pesada) Mas... tú pudes te pensar em pedir a minha permissão para casar com um homem desquitado, minha filha?!...

Maria - Não, papai, não é que eu tivesse pensado, compreendes? É que... é que ele exigiu uma resposta e eu fiquei sem saber o que dizer. Eu sabia que tú não concordarias com um casamento assim e dêsde o princípio procurei afastar completamente essa ideia da minha cabeça. Cheguei mesmo a pedir a ele, com insistencia, que não procurasse me convencer porque não adiantaria nada. Mas êle não desistia. Voltava sempre. Cada vez mais apaixonado. Cada vez mais convincente. Eu reunia todas as reservas da minha energia para repeli-lo com veemencia, mas quando me defrontava com os seus olhos súplices e com a sua voz envolvente de ternura, deixava cair os braços, sem forças para reagir. (Pausa e tom) Ontem ele quiz vir falar contigo. Eu não deixei. Ele então me fez prometer que eu mesma falaria e que até amanhã de noite lhe daria uma resposta definitiva.

Salvador - E... e que resposta tu pensas dar?

Maria - A que tú me deres, paisinho. Já te disse que o amo muito e que lutei muito contra esse amor.

Salvador - Lutaste sósinha e fôste vencida, mas vamos prolongar essa luta por mais algum tempo e eu estarei ao teu lado para ajudar-te a vencer. E vencerás, ~~eu~~ estou certo.

Maria - (triste) Não creio, papai.

Salvador - Não tens confiança em mim?

Maria - Não é uma questão de confiança, papai. Nessa luta só mesmo com as minhas

próprias forças eu poderia vencer, e eu não tenho mais forças porque fui vencida. A energia, a coragem e a boa vontade dos outros, até mesmo dos próprios pais, nos casos como este, nada adiantam ao contendor. Sei que vou sofrer muito mas aceitarei o sofrimento como um tributo ~~meu~~ à tua dedicação, ao teu carinho e ao teu sacrifício de tantos anos!

Salvador - E eu, minha filha, aceito que tú me pagues esse tributo, porque tenho convicção plena de que êle reverterá em teu próprio benefício. Um casamento dessa natureza é absolutamente incompatível com o nosso bom nome, com o nosso prestígio e com o respeito que merecemos da sociedade onde vivemos.

Maria - Para ser bem franca, papai, nada disto está pesando na minha renúncia. O único motivo que me leva a aceitá-la sem luta e sem revolta é a lembrança de que também o senhor, em tempos idos, amordaçou os reclamos do seu coração para que eu continuasse a ser a senhora absoluta da sua vida. Isto sim, papai. Isto merece a minha gratidão que eu manifesto agora com a renúncia total do meu sonho de amor!

CONTROLE - CORRIDO DE HARPA, FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO EM FUNDO.

Salvador - (narrando) Todo um ano transcorreu sem que Maria Celeste lograsse esquecer seu malfadado amor, apesar dos meus ingentes e constantes esforços. Desvelava-me em atenções e cuidados para minha filha, procurando sempre distraí-la com festas e viagens que se repetiam, umas após outras, na esperança de que aquele bulício contínuo pudesse atordoar o seu coração e arrancá-la daquela tristeza sem queixas em que ela estava perdida. Eu sofria horrorosamente com aquela angústia interior que advinhava no coração de minha filha, mas as minhas convicções religiosas e o meu censo de profundo respeito pelas leis da sociedade, não me permitiam capitular e eu continuava lutando. Ela aceitava tudo com um sorriso pálido nos lábios finos e a sua docilidade submissa dilacerava-me o coração! Passado mais algum tempo, quando ela já parecia começar a se interessar pelas coisas da vida, uma noite, em que consegui que ela aceitasse o convite de uma amiga para uma festinha de aniversário, eu estava sozinho no meu gabinete de trabalho quando o telefone tilintou.

CONTRA REGRA - CHAMADA DE TELEFONE. RUIDO DE SUSPENDER O FONE DO GANCHO.

Salvador - Alô!

Janete - (Copo) É o doutor Salvador Amoedo que está no telefom?

Salvador - Sim. Quem fala aí?

Janete - Fala aqui, doutor, Janete Leblanche. Eu não sei se o senhor já ouviu falar
• no meu nome...

Salvador - Não, não... Não tenho nenhuma ideia.

Janete - É que o meu nome é muito conhecido, por isso pensei. Doutor, eu tinha necessidade urgente de falar com o senhor sobre um processo e por isso tomei a liberdade de telefonar para a sua casa e a essa hora da noite.

Salvador - Pois não. Que desejava a senhora?

Janete - O assunto é muito complicado e perigoso para se falar pelo telefone, doutor. É um assunto que só mesmo pessoalmente eu poderia explicar.

Salvador - Perfeitamente. A senhora poderá ir ao meu escritório amanhã às duas horas que eu *estarei lá para você...*

Janete - (corta) Mas doutor, eu estou tom aflição que não poderia deixar passar toda uma noite para poder falar ao senhor sobre o assunto. Eu nem poderia dormir descansada.

Salvador - Pois bem, neste caso, se a senhora quizesse vir à minha casa agora... eu casualmente estou. *Sosinho. Minha filha...*

Janete - (corta) Pardon, doutor, mas... não seria abusar da sua bondade pedir ao senhor que viesse aqui onde estou eu? É tom difícil para mim sair. Teria que deixar a casa entregue às meninas...

Salvador - Pois bem, eu irei à sua casa, então. Quer fazer a fineza de me dar o seu endereço?

Janete - Número trinta e cinco da Travessa da Boa Viagem. Sabe onde fique?

Salvador - Pertó do cáis, não é isso?

Janete - Parfétment.

Salvador - Eu irei em seguida, Madame.

Janete - Obrigada, senhor. Muito obrigada.

CONTRA REGRA - RUIDO DE FONE NO GANCHO.

CONTROLE - ENTRA COM MUSICA DE NARRAÇÃO EM FUNDO.

Salvador - (narrando) Apanhei um taxi e fui ao endereço indicado. Longe estava eu de imaginar que aquela casa da Travessa da Boa Viagem, fosse um ântro de perdição e que as "meninas" que Madame Janete não desejava deixar sosinhas, ~~fossem~~ fossem as pobres decaídas que lá se encontravam, semi-despidas e escandalosamente pintadas, oferecendo à venda os seus corpos. Profundamente constrangido, falei a uma delas e ^{che} disse ~~o~~ ao que ia. Ela me fez entrar para uma sala reservada e, momentos depois, Madame Janete me apareceu. Era uma mulher esbelta, elegante, muito bonita e que ^{eu} soube, de

pois, com grande surpresa, ter quarenta e cinco anos de idade. A primeira impressão, para quem a visse, era de que ela não poderia ter mais de trinta, apesar da vida desregrada que mantinha. Mau grado a preocupação imensa que a dominava, dirigiu-se a mim com um sorriso amavel e agradecido.

CONTROLE - CORRIDO DE HARPA.

Janete - Oh, doutor, como o senhor é bom! Eu nem tenho palavras para lhe agradecer por ter atendido o meu chamado. Peço-lhe que me desculpe esta cusadice mas eu estava tom aflite, tom aflite!...

Salvador - A senhora teve sorte de me encontrar sosinho em casa, do contrário duvidaria muito que me tivesse arrancado da companhia de minha filha.

Janete - De qualquer maneira eu tenho que lhe agradecer muito e muito.

Salvador - Não ha necessidade de tantos agradecimentos. (Tom) Que deseja a senhora?

Janete - Doutor, eu tenho um filho único. Um rapaz de vinte e dois anos por quem tenho lutado toda uma vida! É tom grande o amor que tenho por esse filho que me sujeito a viver separado dele para que ninguém saiba que ele é filho de uma prostituta. Todo o dinheiro que consigo arrancar das mulheres que morram aqui e dos homens que frequentam esta casa, vai para a caderneta do Banco pensando no futuro de meu filho. Ele morra afastado da cidade, numa vila que comprei para lhe servir de residencia, em companhia de uma irmã que eu tenho. Todos os domingos vou lhe fazer uma visita e as horas que estou na companhia de meu filho são as únicas que verdadeiramente me valem a pena viver. (baixa o tom) Agora, doutor, aconteceu uma coisa muito triste com o meu filho. Ele tinha uma namorada e saiam todas as noites para dar um passeio. A menina facilitou e... (tom) O senhor sabe como som essas coisas...

Salvador - Estou compreendendo.

Janete - Quizerrom que o meu filho casasse mas... ele nom gosta da menina para casar, compreende? Entom vai responder a processo e eu querria que o senhor defendesse o meu filho porque só o seu nome como advogado de defesa seria suficiente para livrar o meu filho da prisão. O senhor aceita, nom aceita? Eu lhe pagarrei o que o senhor pedir.

Salvador - (depois de pausa) Madame Janete, diga-me uma coisa: ele tem a certeza de que foi ele que prejudicou a menina, não tem?

Janete - Sim, sim, nom posso dizer o contrário... mas o senhor sabe como som essas coisas...

Neste caso 7 -

Salvador - Sei apenas uma coisa: (EU NÃO DEFENDEREI O SEU FILHO!

CONTROLE - CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO 1º ATO.

2º A T O

CONTROLE - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA PARA O SEGUNDO ATO, FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO QUE PERMANECE EM B/G.

Salvador - Quando declarei positivamente a Madame Janete que não defenderia o seu filho, ela, como que impulsionada violentamente por uma mola automática, atirou-se aos meus joelhos, cobrindo as minhas mãos de lágrimas e beijos. Eu persistia na negativa e ela procurava ^{me} convencer-me por todos os modos. Dentro de poucos instantes, já os seus braços se encontravam enlaçados ao meu pescoço e a sua voz, num mixto de languidez e sensualidade, oferecia-me a sua vida em troca da liberdade do filho. Eu me deixava abraçar, impassível, sem olhar, sequer, aquele rosto bonito que nem mesmo as expansões do pranto tinham poder bastante ^{para} desfigurar. De repente, decidida a vencer-me pela ternura, ela aproximou de tal forma a sua boca da minha que, sentindo o seu hálito morno e perfumado, toda a minha pele se eriçou num frêmito de desejo. Quiz fechar os meus olhos para não ver o seu rosto e poder resistir à fúria do vendaval terrível que se desencadeára sobre os meus nervos, mas, antes que tivesse tido tempo de executar o meu pensamento, ^{já} as suas pupilas de um azul diáfano tinham se colocado à frente dos meus olhos vacilantes. Como me pareceram lindos e puros - naquele instante - os olhos de Janete!... Um tremor convulsivo começou a sacudir-me o corpo inteiro e as nossas bocas se uniram, sôfregas, num beijo ardente que durou vários momentos! ^(Pausa) Soára para mim, naquele instante, a hora do diabo!... E a minh'alma, sedenta da ternura de um amor diferente, rendeu-se ao poder de sedução daquele corpo esbelto! Mais tarde, quando nos separamos, deixei com Janete a promessa de voltar a visitá-la ao fim de três dias e o compromisso de defender a liberdade de seu filho.

CONTROLE - SEPARAÇÃO MUSICAL

Maria - Que tarde vieste, paisinho! Eu já estava começando a ficar apreensiva.

Salvador - É que amanhã entra em jury o rapaz aquele de quem te falei e eu me deixei ficar no escritório até mais tarde, revendo os autos do processo.

Maria - Interessante... eu telefonei para lá várias vezes e ninguém me atendeu.

Salvador - Bem, é que... talvez o telefone estivesse mal... Sim, deve ser isto, porque durante o tempo que estive lá ele não chamou nem uma vez.

Maria - É, com certeza foi isso, então. (Pausa e tom) Que esperas do jury de amanhã, papai? Pensas que os jurados absolverão o rapaz?

Salvador - Sem dúvida, minha filha. O papai, em toda a sua carreira de advogado, não tem uma causa perdida.

Maria - E é por isso que me orgulho tanto de ti, meu querido! Porque és inteligente como nenhum outro.

Salvador - Não, minha filha, não tem sido a inteligencia a razão principal das minhas vitórias. É que o papai só defende as causas em que os seus constituintes estejam realmente com a razão, que é sempre uma força poderosa e difícil de ser derrubada.

Maria - Mas nesse caso tu achas que a razão possa estar ao lado de um rapaz já experiente da vida e contra uma moça de menor idade?

Salvador - Bem, minha filha, é que existem circunstancias que tu desconheces e que levam a razão para o lado do rapaz.

Maria - Bem... sendo assim, eu já fico mais confiante na tua vitória, si bem que os jornais todos afirmam que só o fato de teres aceite a defesa já é um sinal evidente de que o rapaz será absolvido, porque nenhum só dos jurados será capaz de duvidar da sinceridade dos teus propósitos. Bem, mas agora vamos dormir que é muito tarde (bocejando) e eu estou morrendo de sono.

CONTROLE - CORRIDO DE HARPA, FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO.

Salvador - ^(narrando) Depois de um jury turbulento, em que os debates se prolongaram por horas a fio, Marcelo foi, finalmente, absolvido. Janete não tivera forças de assistir ao julgamento e, por isso, logo ao deixar o tribunal, corri para a sua casa a fim de levar-lhe a grata noticia.

CONTROLE - CORRIDO DE HARPA.

Janete - Oh, meu querrido! Eu nem sei como agradecer-te esta felicidade tão grande que me dás! Prometo-te que hei de ser tua escrava parra o resto de minha vida!...

Salvador - Não quero que sejas minha escrava. Quero apenas que sejas só minha.

Janete - Eu te prometo que assim ha de ser de agora em diante. Serrei tua somente, procurando fazer-te sempre feliz como tu merreces ser. (Tom) E meu filho? Conta-me. Antoinette levou-o parra casa?

Salvador - Sim. Vim de taxi para que o meu automovel pudesse levá-los.

Janete. - E ele estava contente? Alegre? Feliz?

Salvador - Naturalmente. Tão feliz que a sua mão tremia quando apertou a minha em despedida.

Janete - Pobrrre do meu filho! Eu deverria ter ido parra junto dele naquele momen-
to,mas nom tive corragem. E depois,tambem eu nunca me apresentei em pú-
blico ao lado dele com receio de que alguém nos achasse parrecidos e
pudesse desconfiar. E eu nom me perdoarria nunca se viesse a prrejudi-
car o meu Marcel. Bem, mas agorra vamos tomar um "cointreau" parra
comemórrar este momento de tom grrande felicidade parra mim!

CONTROLE - CORRIDO DE HARPA, FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO.

(Narrando)

Salvador - Alguns dias depois daquele em que ficou assegurada a liberdade de Mar-
celo,consegui fazer com que Janete vendesse a outra o seu repulsivo ne-
gócio da Travessa da Bôa Viagem e fôsse morar,sósinha, numa pitoresca
vivenda que eu alugára para ela na Estrada da Cachoeira, distante vinte
minutos da cidade. E três vezes por semana, infalivelmente, eu comecei
a inventar os mais disparatados motivos para deixar minha filha sósinha
e ir gosar, pelo espaço de duas horas, a deliciosa e perturbadora com-
panhia daquela francesa adoravelmente amorosa. ^(RT) Veio o dia do meu ani-
versário e minha filha desejou festejá-lo. Não consenti, alegando que
o número de visitas seria naturalmente muito elevado e que eu me encon-
trava por demais exgotado pelo trabalho para poder atender a todos com
a gentileza que se faria necessária. Maria Celeste acreditou na desculpa
e desistiu do intento. Mas a verdade era muito diferente. Janete pre-
parára uma ceia para nós dois na pitoresca vivenda da Estrada da Cacho-
eira e eu não poderia faltar. E enquanto saboreavamos uma deliciosa
maionaise de salmon que ela mesma preparára...

CONTROLE - CORRIDO DE HARPA.

Marcelo - Li no jornal de ontem a noticia do aniversário do doutor Salvador e
vim trazer-lhe uma lembrança.

Maria - Ele não está, infelizmente, mas eu terei prazer de receber, por ele, a
sua visita. Quem é o senhor?

Marcelo - Meu nome é Marcelo. A senhorita é filha do doutor Amôêdo?

Maria - Sim... Mas o senhor disse que o seu nome é Marcelo? Será, por acaso...

Marcelo - (em tempo) ... o rapaz que seu pai defendeu ha pouco mais de dois me-
zes? Exatamente. Sou eu mesmo!

Maria - Sabe que me preocupou seriamente o seu caso?

Marcelo - Sim? E por que?

Maria - Porque papai nunca tinha perdido nenhuma causa e eu duvidava muito do bom êxito da sua.

Marcelo - Pois eu lhe garanto que dêse o instante em que ele aceitou a minha defesa que eu não tive mais nenhuma dúvida de que seria absolvido.

Maria - Quer saber de uma coisa curiosa? Eu torci muito pela sua absolvição mas achando sempre, intimamente, que o senhor deveria ser castigado. Parece um paradoxo, mas eu vou explicar as minhas razões.

Marcelo - Não é necessário explicações. Eu compreendi tudo perfeitamente. A se_nhorita torcia pela vitória de seu pai e não pela minha causa. Acredita_vava-me culpado e queria ser justa, não é assim?

Maria - Exatamente. E já que é tão compreensivo, seja sincero também. Não teria sido justo esse castigo?

Marcelo - Afianço-lhe que não. E se assim fôsse, seu pai nunca teria cõcordado em fazer a minha defesa.

Maria - Para lhe falar bem sinceramente eu terei que lhe dizer que, hoje, isso já não me serve mais de base. Ha três mezes atraz ainda sim. Mas desse tempo para cá o papai mudou tanto! Está tão diferente! Está tão exquisto... tão estranho... Com gestos e atitudes que eu não posso compreender. Emfim, deixemos isso de parte e me perdõe ter tocado num assunto que, de uma ou de outra forma, deve ser bem doloroso à sua lembrança. Vou servir-lhe um cognac. Aceita?

Marcelo - Aceito, sim. Vou beber à saude de seu pai.

CONTROLE - CORRIDO DE HARPA FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO QUE FICA EM FUNDO.

Salvador - (narrando) Minha filha me falou, por alto, da visita que recebêra de Marcelo e me fez entrega de um alfinete de gravata com uma finissima pérola rosada que êle me levára de presente de aniversário. Eu continuava a visitar Janete, religiosamente, tres vezes por semana e o seu fascínio me envolvera de tal forma que eu já não tinha olhos para observar as transformações que se estavam operando na ~~minha própria vida~~ vida de minha filha, como na minha própria vida. Decorridos mais dois ou três mezes...

CONTROLE - CORRIDO DE HARPA, FUNDE COM TEMPORAL EM B/G. ATÉ O FINAL DA CENA.

Maria - Vais sair com todo esse tempo, papai?

Salvador - Tenho um compromisso, minha filha e não posso faltar.

Maria - Mas está chovendo tanto e tú estás tão resfriado...

Salvador - Vou de automovel e me agasalho bem. Não precisas ter cuidado.

Maria - Não poderias resolver esse compromisso pelo telefone? Seria mais prático e tu não terias necessidade de te expor ao tempo.

Salvador - Não é possível, minha querida. Tenho uma reunião da ordem dos advogados e vai ser debatido um assunto que me interessa muitissimo.

Maria - Mas tu mesmo não me havias dito que essa reunião tinha sido transferida para o próximo sabado?

Salvador - Sim, sim, quer dizer... a principio ela... ela foi realmente transferida, mas hoje à tarde o Câmara me avisou... *que afinal seria ~~pi~~...*

Maria - (corta) Papai, o que é que tú tens que procuras esconder de mim?

Salvador - Eu, minha filha? Mas então... tu pensas que eu... (ri, meio desconcertado) Essa é bôa, minha filha!... Palavra de honra que eu não podia esperar de ti uma pergunta tão estapafurdia! (torna a rir)

Maria - Ouve, papai: tú não tens nada para me dizer a respeito da tua vida?

Salvador - Ora essa, minha filha!... Palavra que tú até me desconcertas com uma pergunta tão tôla.

Maria - És capaz de jurar que não tens nada para me dizer?

Salvador - Deus do Céu! Juro-te pelo que ^{tu} quizeres.

Maria - Pois bem, então "eu" tenho alguma coisa para te contar.

Salvador - Perfeitamente. Quando eu voltar da reunião, se ainda estiveres acordada conversaremos; do contrário amanhã eu estarei... *a tua disposição*

Maria - (corta) Não, papai, eu quero te falar agora.

Salvador - Mas minha filha, eu já estou atrasado... não disponho de tempo...

Maria - Sinto muito, papai, mas terás que me ouvir agora ^{mesmo} e já vais compreender porque.

Salvador - Está bem, si não ha outro remédio... chegarei atrasado à reunião. (P.)
Podes falar.

Maria - Eu sei que vai te surpreender muito o que vais ouvir, mas eu quero que saibas que se não te falei antes nesse assunto, foi porque nunca mais dispuzeste de tempo para observar a minha transformação e indagar sobre ela. Não quero que penses que as minhas palavras levem a intenção de te acusar. Nada disso. Estou querendo, apenas, justificar o motivo do meu silencio.

Salvador - Compreendo, minha filha. Podes prosseguir.

Maria • - Pois bem, papai, depois da primeira desilusão amorosa que sofri, ha pou
co mais de dois anos passados, acreditei, sinceramente, que nunca mais o
meu coração teria a capacidade de amar a outro homem que não fôsse aque
le que me fez verter, em silencio, tantas lágrimas amargas. Mas o tempo,
papai, é um grande bálsamo para todas as dôres, por mais crueis e pro
fundas que elas sejam.

Salvador - Isso o papai te afirmou muitas vezes, minha filha.

Maria - Bem sei, mas quando sentimos, recente, a dôr de uma ferida, mesmo o mais
eficaz dos remédios nos parece inoperante. Foi necessário esse período
longo, de mais de dois anos, para que eu voltasse a crer na vida e dese
jar o amor. E em resumo, papai, o que eu desejo te revelar é que estou
amando outra vez.

Salvador - ^(alegre) Oh, minha filha! Tú nem sabes a alegria que me dás, ouvindo-te falar
assim!... Era o que eu pedia a Deus, todas as noites, nas minhas preces.
Que tú esquecesses aquele malfadado amôr e que um outro viesse ocupar
o seu lugar no teu coração! E tanto pedi... tanto rezei... tanto supli
quei... que finalmente vejo-me atendido!...

Maria - Tenho recebido aqui em casa, muitas vezes, a visita desse rapaz e hoje
ele deverá vir novamente para oficializar o nosso noivado. Era esse o
motivo porque eu te pedia que não saisses.

Salvador - Bem, minha filha, tú... tú poderás explicar a ele que eu tive necessi
dade absoluta de cumprir um compromisso assumido e que ele poderá vol
tar amanhã a qualquer hora *que desejar que eu esteja em casa para...*

CONTRA REGRA - CIGARRA DE PORTA, AFASTADA.

Maria - Olha! Deve ser ele. Abre-lhe a porta tú mesmo e explica-lhe os motivos
porque serás obrigado a te ausentar.

Salvador - Não, não, minha filha, vai tú. ~~minha filha~~ Afinal eu nem conheço o rapaz.

Maria - Podes ir sem receio, papai. Tú já o conheces, sim.

Salvador - Eu já o conheço? Quem é?

Maria - (risonha) Não sejas tão curioso, paisinho. Vai atender a porta e logo
saberás.

CONTRA REGRA BATE NOVAMENTE A CIGARRA.

Salvador - Ih, o rapazinho parece que está impaciente. (afastando-se) Deixa-me aten
der depressa, antes que ele me estrague a campainha.

CONTRA REGRA - DEPOIS DE ALGUNS PASSOS, ABRE PORTA.

• Maria - (sinceramente admirada) Ninguém diria!

Janete - (no tom anterior) E já tenho cabelos brancos também, mas é que eu pinto.

Maria - De qualquer forma. Ninguém seria capaz de lhe dar mais que trinta e dois anos.

Janete - Bem, mas deixemos isso e falemos do que verdadeiramente nos interessa. Antes de tudo eu quero lhe pedir, encarecidamente, que não diga nada a seu pai que eu estive aqui. Ele foi muito bom para mim quando defendeu o meu filho e eu não desejava de maneira nenhuma magoá-lo.

Maria - Esteja descansada. Eu saberei guardar segredo.

Janete - Muito bem. Fico-lhe muito grata. Eu estou aqui, senhorita, para defender a sua felicidade e a de meu filho.

Maria - Sou eu que lhe agradeço, agora, a intenção mas, desgraçadamente, o nosso sonho desmoronou por completo diante da oposição de papai.

Janete - Não é justo. Seu pai não tem razão nenhuma para se opor a esse casamento. O meu filho é bom. Muito bom. A desgraça que lhe aconteceu não foi por sua culpa, pode correr. A menina queria se casar com ele e armou-lhe uma cilada. E tanto isso é verdade que seu pai o defendeu perante o Tribunal.

Maria - Papai me confessou que o defendeu, sabendo que ele era culpado.

Janete - Não é verdade. Jurro-lhe que não é verdade. Isso é apenas um pretexto que ele inventou para justificar a sua oposição. A senhorita deve lutar.

Maria - Ouça, Madame: esse não é o ponto que me leva a aceitar a oposição de papai e curvar, resignada, a minha cabeça à sua vontade. Amo Marcelo e me casaria com ele mesmo tendo a certeza absoluta da sua culpa, desde que papai não se opusesse.

Janete - Mas não é justo que a senhorita se sujeite, passivamente, aos caprichos de seu pai. Não há razão nenhuma que justifique uma coisa destas.

Maria - Há uma razão, sim, Madame. É muito forte, até. Meu pai ficou viúvo muito cedo e alguns anos mais tarde veio a gostar de uma outra mulher. Quando me comunicou a sua intenção de voltar a casar-se, eu me opuz tenazmente. Ele nem discutiu. Abafou os anseios do seu coração e desfez imediatamente o compromisso existente entre ~~os dois~~ ^{eles}. Na minha ignorância total das coisas da vida e no meu egoísmo inconstante, fiz-lhe jurar que nunca mais a sombra de uma mulher, quer como esposa ou como amante, passaria pela sua vida. E ele jurou e cumpriu. Acha a senhora que eu deva proceder de maneira diferente com ele? Não é possível. Se ele sacrificou por mim a sua feli-

cidade, a sua mocidade e o seu bem-estar, eu devo e quero proceder com ele da mesma forma.

Janete - E nom lhe dá pena saber que meu filho está num desesperro atroz? Que saiu ontem daqui e foi me prrocurrar lá em casa, chorrando como uma crri ança?

Maria - Tenho pena, sim. Tenho muita pena de Marcelo e de mim mesma, porque eu tambem estou sofrendo muito. Mas eu não posso pagar com indignidade e ingratição o procedimento de um homem altruista e digno como é meu pai. Si ele foi obediente aos meus desejos para não me causar pesares, tambem eu devo proceder da mesma forma em relação a ele. A senhora conhece outro pai que se tenha sujeitado ^(assim) a uma vontade quasi absurda de sua filha?

Janete - Quer que lhe diga uma coisa com ffranqueza, menino? Eu nom acredito que seu pai tenha seguido tom a risque o jurramento que lhe fez.

Maria - Mas eu acredito piamente, porque outro dia, ainda, lhe falei neste assunto e ele me jurou.

Janete - E si eu lhe disser que ele jurou falso?

Maria - (ofendida) Eu não admito que a senhora duvide da integridade de carater do meu pai. A senhora pode afirmar, com segurança, que ele tenha faltado ao seu juramento?

Janete - (bem marcado) Posso!

Maria - (severa) E por que? ~~Vamos~~ (Pausa) Vamos, responda.

Janete - Porque ele... é meu amante!

CONTROLE - RAJADA SECA SEM CORTAR A CENA.

Maria - (quasi num grito) Não! Não!... É mentira! A senhora está mentindo porque deseja defender seu filho.

Janete - Desejo defender a ele e a você, sua bôba. Pensa que eu lhe dirria uma coisa destas se nom pudesse prrovar-lhe?

Maria - Pois então prove. Eu exijo que prove.

Janete - Escute prprimeirró uma coisa: si eu lhe prrovar que é verdade que seu pai é meu amante, você me prromete fugir com meu filho parra se casarem longe daqui?

Maria - Prometo.

Janete - Pois entom... (pausa e tom) aqui tem este cartom com o meu enderreço. Ele vai todas as terças quintas e sabados me visitar à noite. Esteja lá antes das oito horras que eu a esconderrei de maneirra a que você veja ele entrarr e sair.

Maria - É realmente o único consolo que me resta, no meio desse montão de ruínas que me aturde.

Marcelo - Se quizesse fugir amanhã mesmo... mais depressa estarias esquecida dessa tristeza toda que te envolve.

Maria - Não é possível, querido. São várias malas que preciso arrumar sósinha, lembra-te disto.

Marcelo - Está bem, já que não ha outro remédio... viverei mais vinte e quatro horas de ansiedade. O avião sai às seis horas da manhã, às quatro virei buscar-te.

CONTROLE - SEPARAÇÃO MUSICAL FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO QUE FICA EM B/G.

Salvador - (narrando) Naquele dia fatídico eu deveria ir, como de costume, visitar Janete. Cheguei mesmo a tomar um taxi e percorrer a metade do caminho. De repente, senti dentro do peito uma coisa estranha. Uma angústia... uma ansiedade... ou, melhor definindo, um pressentimento. Comecei a sentir que ia me acontecer uma desgraça qualquer. Como estava dentro de um taxi, a minha primeira ideia foi a de um desastre com o carro. Cheguei mesmo a pedir ao motorista que fôsse mais devagar. Momentos depois, não podendo mais suportar aquela coisa estranha que me atormentava, ordenei ao chauffeur que desse volte. Quando o taxi parou à frente da minha casa e eu vi, completamente iluminadas, as janelas do quarto de minha filha, o que não era seu hábito, corri, desesperado, na certeza de que lhe acontecera alguma coisa. Quando abri a porta, inesperadamente...

CONTROLE - CORTA A MUSICA EM FUNDO.

CONTRA REGRA - BEM EM TEMPO (EM CIMA DA DEIXA) ABRE UMA PORTA COM VIOLENCIA.

Salvador - Que é isso, minha filha?! Por que essa desordem toda? Essas malas... essa roupa toda espalhada... Que está acontecendo aqui?

Maria - Nada, papai.

Salvador - Tú estás pálida... trêmula... diferente... Que houve, minha filha? Fala. Que é que estás me ocultando?

Maria - Já te disse que nada, papai.

Salvador - Maria Celeste, tú nunca mentiste para teu pai. Por que estás mentindo agora?

Maria - (com ódio concentrado) Porque descobri que também tú mentiste para mim durante todos estes anos.

Salvador - Maria Celeste, tú enlouqueceste?!...

Maria - Talvez fôsse melhor que tivesse enlouquecido. Sofreria menos.

Salvador - Minha filha, fala por Deus! Não fiques assim.

Maria - Queres que fale? Pois muito bem. Eu te farei a vontade. (Pausa) Papai... eu sei de tudo a respeito de ti e de Janete!

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO, SEM CORTAR.

Salvador - Minha filha!...

Maria - Sei de tudo e não tenho mais nada que me leve a obedecê-lo te!

Salvador - (ofegante) Quem te contou? Eu preciso saber. Quem te contou?

Maria - Não importa quem tenha sido. Vou partir e me casarei com Marcelo longe daqui.

CONTROLE - NOVO ACORDE SECO, SEM CORTAR.

Salvador - Não, minha filha! Não!... Tu não podes fazer isto!...

Maria - Tú também não podias livrá-lo da prisão e no entanto o fizeste, por amor a ela! E mentiste para mim! E juraste falso! E me obrigaste a desistir dos meus sonhos de amor, alegando renúncias que não passaram de farsas. Eu te julgava um Deus incomparável num altar de dignidade e de decência. Eu te imaginava um super-homem. Um relicário de virtude e honestidade. Um santo homem que vivia exclusivamente pela felicidade do teu único amor que era a tua filha!... Mas hoje, meu pai, hoje se desfez a cortina de fumaça que havia diante dos meus olhos e eu posso ver claramente quem tú és. A cortina de lágrimas que me empanam os olhos não me impedem de ver, por desgraça minha, a baixeza e a sordidez do teu caráter de verme.

Salvador - COMEÇA A ARQUEJAR E A DIZER COISAS ININTELIGÍVEIS. Não!... Não!... Minha filha... eu te suplico...

Maria - Verme, sim papai. É o que tú és. Um verme repelente e nada mais! Eu te odeio, ouviste, papai? Eu te odeio! E não quero te ver mais. Nunca mais!... (afasta-se a soluçar desesperada, perdendo-se o choro na distancia)

CONTRA REGRA - PASSOS DE MOÇA PERDEM-SE, CORRENDO, NA DISTANCIA.

Salvador - (gritando com esforço) Minha filha!... Minha filha!... Volta!... (perdendo as forças) ^{Volta!} Perdôa o teu pai!... Perdôa!... Perdôa!... Volta!...

CONTRA REGRA - RUIDO DE CORPO QUE CAI COM ESTRONDO AO CHÃO.

CONTROLE - CORTINA TRÁGICA, FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO.

Salvador - (narrando, abatido e choroso) Quando voltei a ter consciencia das coisas que me rodeavam, ~~tínham~~ ^{havia} passado vários dias e a minha filha já ~~tinha~~ ^{havia} partido em companhia de Marcelo. ^{Dois meses depois, quando} ~~logo que~~ ^{pude sair,} procurei, ansioso, a

casa de Janete, mas ela havia partido tambem! E nunca mais tive noticias de uma ou de outra! Fiquei só! Inteiramente só! E assim vou arrastando a vida, até que Deus se lembre de me chamar ao merecido descanso!... (Pausa e tom) Foi por isso que eu lhes afirmei que existe tambem, para os homens, a "hora do diabo". E a minha soou, justamente, naquele instante trágico em que eu uni, aos meus, os lábios de Janete!...

CONTROLE - CARACTERÍSTICA GRANDIOSA PARA FINAL DO PROGRAMA.

DISTRIBUIÇÃO:

SALVADOR ROBERTO LIS
MARIA CELESTE..... ZAIRA ACAUAN
MARCELO..... WILSON FRAGOSO
JANETE..... CLAUDIA MARTINS
